

Identidade, Currículo e Formação Docente: perspectivas teóricas para (re)pensar o ensino de ciências

Identity, Curriculum and Teacher Education: theoretical perspectives to (re)think science teaching

Itana da Purificação Costa

Universidade Federal do Oeste da Bahia
itanapcosta@gmail.com

Suiane Ewerling da Rosa

Universidade Federal do Oeste da Bahia
suiane.rosa@ufob.edu.br

Resumo

O currículo atua na organização da prática e fins educacionais, sendo importante para analisar/alterar cenários educativos. No entanto, no ensino de ciências seu debate é secundarizado, assim este trabalho objetiva apresentar um percurso teórico que relaciona os estudos de currículo, em paralelo com as três perspectivas de identidade discutidas por Stuart Hall, com a formação docente, pois entende-se que esta relação tem impacto e se reflete nas práticas em sala de aula. Assim, o entendimento de identidade enquanto construção cultural alinhado ao de currículo como reflexo de disputas que sedimentam identidades, contribui para problematizar a formação inicial como um ponto de convergência ou de conflitos sobre o ser docente e sua prática. De modo que, identificações respaldadas, desconstruídas e construídas durante a formação são frutos de um currículo que geram um dado perfil profissional, que por sua vez se alinhará com uma dada concepção de educação e perspectiva curricular.

Palavras chave: currículo, identidade, formação docente.

Abstract

The curriculum acts in the organization of educational practice and purposes, being important to analyze/change educational scenarios. However, in science education its debate is secondary, so this paper aims to present a theoretical path that relates curriculum studies, in parallel with the three perspectives of identity discussed by Stuart Hall, with teacher training, because it is understood that this relationship has an impact and is reflected in classroom practices. Thus, the understanding of identity as a cultural construction aligned with the curriculum as a reflection of disputes that sediment identities, contributes to problematize the initial training as a point of convergence or conflict about being a teacher and his/her practice. Thus, identifications supported, deconstructed, and constructed during training are the fruit of

a curriculum that generates a given professional profile, which in turn will be aligned with a given conception of education and curricular perspective.

Key words: curriculum, identity, teacher education.

Introdução

O currículo é considerado “um campo delicado” da área da educação (SCHIABEL; SILVA, 2019, p. 35), cuja definição só é possível por acordos parciais e históricos, uma vez que foi definido e discutido por teorias distintas, podendo ser visto como um mero instrumento (guia proposto por redes de ensino, como matriz curricular e composição de ementas ou como planos de ensino) a um aspecto que reflete disputas de poder na educação. Ainda assim, mesmo com diferentes teorias, sentidos e formas para o currículo, de um modo geral, sua discussão tende a ideia de organização da prática e fins educacionais (LOPES; MACEDO, 2011), e, portanto, um dos elementos para analisar e alterar cenários educativos.

Entretanto, a pesquisa em educação em ciências, desde sua origem, possui ênfase em aspectos metodológicos de ensino que sejam efetivos para aprendizagem, reduzindo o currículo a prescrição de conteúdos neutros social, cultural e politicamente (OSTERMANN; REZENDE, 2020). Em consonância, alguns trabalhos na área de ensino de ciências/física, têm apontado que a dimensão curricular é secundarizada ou ainda vista sobre a ótica tecnicista, mesmo em temáticas potentes para o debate curricular.

Roso (2014), por exemplo, ao analisar os artigos publicados em periódicos relacionados à educação em ciências, a fim de estudar como tem sido definido e estruturados currículos balizados por referenciais ligados às perspectivas educacionais CTS¹, chegou à conclusão de que há indícios de reducionismo metodológico como desviante da discussão curricular, ocorrendo no máximo um arejamento e dinamização do currículo tradicional.

Em um percurso semelhante, Muenchen (2010) analisou trabalhos publicados no ENPEC² e outras fontes, e como resultado apontou à abordagem conceitual como aquela utilizada pelos professores ao utilizar os 3 Momentos Pedagógicos (MP), de modo que a dimensão do “como” ensinar predomina ao se utilizar os 3MP, mesmo este tendo em sua gênese dimensões teórico-filosóficas que se aproximam de perspectivas críticas de currículo.

Dada a importância de olhar para currículo e a sua secundarização nas pesquisas na área, visando contribuir para as discussões apontadas por estes autores, que o presente trabalho pretende apresentar um percurso teórico que relacionem os estudos do campo curricular com a formação dos professores e suas identidades, pois entende-se que esta relação tem impacto e se reflete nas práticas em sala de aula.

Currículo, identidade e a formação inicial docente

Inicialmente, o currículo era visto como “seleção e organização do que vale a pena ensinar” (LOPES; MACEDO, 2011, p. 20), reduzindo-o “a passos a serem seguidos”, numa perspectiva teórica que desvaloriza o docente e o coloca como mero aplicador de um modelo construído externamente por um pesquisador (MOREIRA, A. F. B., 2001a, p. 78).

¹ Ciência-tecnologia-sociedade.

² Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências.

Para Moreira e Tadeu (2013, p. 17), “o propósito mais amplo destes especialistas parece ter sido planejar “cientificamente” as atividades pedagógicas e controlá-las de modo a evitar que o comportamento e o pensamento do aluno se desviassem de metas e padrões predefinidos”, o currículo como um instrumento de controle social com o qual se inculca valores, condutas e hábitos. E por isto, estas teorias, chamadas de tradicionais³, serão confrontadas pelas teorias críticas, que compreendem o currículo não como um elemento neutro, inocente e desinteressado de transmissão do conhecimento, mas implicado em relações de poder, e, portanto, nas relações sociais e históricas produzindo identidades específicas refletindo a dominação econômica, social, cultural (SILVA, 2014, p. 46).

Após os anos de 1990, a teoria crítica passou por discussões e aprofundamentos que ampliaram os estudos sobre currículo. Com diversas influências, as teorias de currículo, denominadas de pós-críticas, expandem o campo apresentando novos desafios e configurações (MOREIRA, A. F. B., 2001a). Para Oliveira e Süsskind (2017), atualmente no Brasil, o campo de estudos de currículo é fortemente influenciado pelas tendências pós-críticas⁴, mas ainda assim marcadas por características progressistas e de esquerda refletindo a intensa influência das teorias críticas no cenário nacional do ano 1970 até os anos 90⁵.

Com o movimento de democratização da sociedade, com o fim da ditadura no Brasil, há necessidade de ampliação das ações afirmativas que deem conta das desigualdades sociais e da diversidade cultural, o que torna compreensível o domínio da teoria crítica por tanto tempo e, por outro lado, amplia as temáticas da pesquisa de currículo (poder, economia, política, cultura, identidade, colonização e democracia) (OLIVEIRA; SÜSSKIND, 2017). De modo que o “pós” acrescenta o fato de que as relações de poder não se reduzem as estruturas econômicas e de classe, elas se estendem às relações de gênero, etnia, raça e sexualidade, e o currículo escolar corporifica esta realidade, ele é “uma questão de saber, identidade e poder” (SILVA, 2014, p.147).

Para Shiabel e Silva (2019), atualmente, o currículo e a formação de professores são assuntos importantes de serem discutidos, uma vez que para que as mudanças sejam significativas na educação, visando qualidade e a transformação da sociedade, deve-se reconhecer o professor como um ator fundamental neste processo. Com destaque para os elementos da e na formação docente, que ajudarão professores/as a lidar com os desafios e percalços inerentes a sua práxis (COELHO-FILHO; GHEDIN, 2018), assim como entender como as práticas discursivas no contexto da formação afetam o processo de construir e reconstruir significados e identidades (MOREIRA; CUNHA, 2008).

A identidade docente é construída de forma relacional nas experiências individuais e profissionais dos sujeitos (MARCELO, 2009). Ela reflete, portanto, perspectivas individuais e coletivas em acordo com aspectos socioculturais mais amplos que constituem como vemos (representamos) e reproduzimos (através de práticas) o que é ser professor.

³ Estas teorias relacionam o termo currículo a um instrumento de institucionalização da escola, com delimitações de conteúdos, das metodologias de trabalho, da organização das disciplinas, das formas de avaliação, etc., e, nesse sentido, não poderia ser flexibilizado, o que lhe confere status de estático e absoluto (SCHIABEL; SILVA, 2019).

⁴ Ressalta-se que o posicionamento de Oliveira e Süsskind (2017) se refere aos estudos do campo curricular, o que não, necessariamente, pode ser refletido nas políticas curriculares e/ou nos ambientes escolares, uma vez que a relação entre pesquisa/universidade e escola ainda está sujeita a muitas críticas, assim como os aspectos normativos das políticas públicas resultam de disputas de poder.

⁵ Mesmo que em quantidade reduzida e reprimida nos anos da ditadura militar, que tornava arriscado posicionamentos com viés marxista (OLIVEIRA; SÜSSKIND, 2017).

Dessa forma, a identidade não pode ser interpretada como algo fixo, nem naturalizada como parte de uma essência desvinculada do histórico-social. Logo, é mais interessante tratar de identificações acentuando a transitoriedade e fragilidade de qualquer padrão identitário (HALL, 2006). Esta perspectiva é ampliada para o próprio conceito de identidade, que para Hall (2006) é complexo e sobre o qual é impossível oferecer um delineamento conclusivo teoricamente. Para exemplificar a questão, o autor apresenta três perspectivas de identidade: o sujeito do Iluminismo, o sociológico e o pós-moderno.

O primeiro está associado a uma concepção essencialista de identidade, como algo natural com a qual nascemos e que fundamenta a nossa existência humana. O sujeito sociológico reflete a complexidade da relação entre o mundo e a consciência do sujeito, ou seja, a identidade é formada na interação entre o individual e o coletivo, entre “o eu e a sociedade”. Já o sujeito pós-moderno implica em múltiplas, por vezes contraditórias e transitórias identidades, caracterizadas pela diferença. Esta perspectiva de identidade contribui para pensar se a superficialização, fragmentação, não-apropriação ou não-implementação das diversas teorias educacionais (de ensino, aprendizagem, metodologias e de currículo) resulta de uma disputa de identificações que contribui para alimentar o discurso das suas ineficiências e a manutenção de perspectivas tradicionais no ensino de ciências.

A problemática da identidade pós-moderna de Hall se alinha com a perspectiva de desconstrução da existência de um sujeito estável e universal, que naturaliza condições, e por sua vez, identificações que ficam protegidas do exame político e da contestação do estatuto do sujeito. Criticar a noção de sujeito é questionar o seu processo de construção e os jogos de poder nele imbricados, desconstruir o sujeito é liberar o termo para múltiplas significações, “fazer dele um lugar onde significados não antecipados podem emergir” (BUTLER, 2013, p. 25), emancipá-lo de um único referente fixo, normalizado, normatizado e subordinado, que se confunde com algo natural e, assim, dar condições para ação e reação que gerem transformações sociais. Assim, olhar a identidade do docente, na perspectiva de desconstruir arquétipos apresenta relevância que se estende as teorias de currículo.

Por isto, a importância de estudos e investigações que relacionem as dimensões currículo, identidade e formação docente, a fim de entender como a prática curricular, organizada em representações e discursos que circulam no espaço/tempo formativo, viabiliza a preservação e/ou o questionamento de determinadas identidades sociais que constituem a profissão docente (MOREIRA; CUNHA, 2008, p. 3)⁶. Assim como, a concepção curricular assumida por professores/as relaciona-se com seu perfil e prática profissional (SCHIABEL; SILVA, 2019).

Ao fazer as reflexões sobre os currículos escolares como construção identitária, deve-se incluir as reflexões sobre os docentes, seu desenvolvimento e suas práticas, o que está intimamente ligado à sua formação (MOREIRA, A. F. B., 2001b), que por sua vez implica em currículos que influenciam às (e são influenciados pelas) identidades destes docentes, anteriormente discentes. Em outras palavras, a partir das interações sociais entre professores/as, licenciandos/as e os elementos da cultura que são veiculados no curso de formação inicial, uma Identidade Curricular emerge como elemento de identificação destes agentes, numa convergência entre objetivos particulares dos indivíduos e os objetivos gerais do curso, conforme disputas e jogos de poder inerentes à licenciatura⁷ (GUIMARÃES, 2014).

⁶ Moreira e Cunha (2008) fazem este debate voltado para o ensino básico, mas acreditamos ser pertinente para entender a formação no ensino superior.

⁷ Entendidos como fenômenos na qual a cultura, ou seja, os processos de apropriação de significados e valores, é produzida, negociada e significada a partir das relações estabelecidas por determinado grupo, que geram imposições e controle sobre as decisões e a organização do curso de formação.

Salienta-se que a construção desta identidade não ocorre de forma simples ou fácil, afinal como Moreira e Tadeu (2013) nos coloca, currículo e educação “são partes integrantes e ativas de um processo de produção e criação de sentidos, de significações, de sujeitos” (p. 27), no qual, outros contextos culturais transversalizam e carregam embates. Ainda assim, muito possivelmente, é na formação inicial que estabeleceremos nossa compreensão sobre o currículo, reforçando entendimentos construídos enquanto estudantes do ensino básico ou rompendo com eles, afinal “o tipo de definição de currículo assumido pelo professor reverberará em sua prática docente e em sua postura profissional, o qual é operacionalizado por meio do currículo em ação” (SCHIABEL; SILVA 2019, p. 37).

Não é objetivo deste texto restringir a construção da identidade do professor à formação inicial, pois compreende-se que marcamos nossa formação no exercício da profissão, no planejamento, na sala de aula, nos processos de mediação que realizamos. Por exemplo, se um professor inicialmente tem como referente identitário a sua disciplina, “sou professor de...”, a prática desloca esse referente para o estudante e para cotidiano de sala de aula, pois as “verdades” científicas das disciplinas não coincidem com as “verdades” do real social, vividas pelos sujeitos (estudantes e docentes), e assim nossas identidades profissionais entram em conflito, pois as “verdades” dos cursos de formação não nos prepararam para essa realidade (ARROYO, 2013). Logo,

Estamos não tanto em crise de identidade docente, mas de crescimento de dimensões da nossa profissão soterradas sob tantos cientificismos, pragmatismos que nos endureceram. As infâncias-adolescências que carregam às salas de aula vidas tão nos limites estão reeducando essas dimensões soterradas. Estão nos libertando como profissionais para assumir a dimensão de educar, que sempre acompanhou a função de ensinar. Esses alunos nos fazem aflorar funções desterradas (p. 29-30).

O que Arroyo apresenta nos leva a questionar, como e até quando a formação inicial continuará a ignorar essas tensões, e como a percepção de currículo construída dialoga com estas questões, pois a identidade “moldada” na licenciatura, implica em apropriações e concepções de currículo, que podem torná-lo mero transmissor de uma cultura hegemônica ou um campo de produção cultural rico. Uma perspectiva conservadora não reconhece esta identidade profissional ampliada, reduzindo docentes a aulistas, transmissores de conteúdos, com materiais didáticos conteudistas e praticista e o ensino focado nas avaliações. “Logo, os educadores serão obrigados a ir construindo sua identidade educadora na contramão, num clima de transgressão, de solidão sem o apoio das políticas educativas, curriculares e do material didático” (ARROYO, 2013, p. 31), e que, na contramão, a formação inicial pode ser um suporte. Obviamente, que tendo em mente que nenhuma identidade mestra é capaz de alinhar todos os componentes que formam o corpo docente, afinal os “aspectos identitários diversos cruzam-se e deslocam-se no interior dos indivíduos e dos grupos, tornando o processo de identificação descontínuo, variável, problemático e provisório” (MOREIRA, 2006, p. 141).

Considerações finais

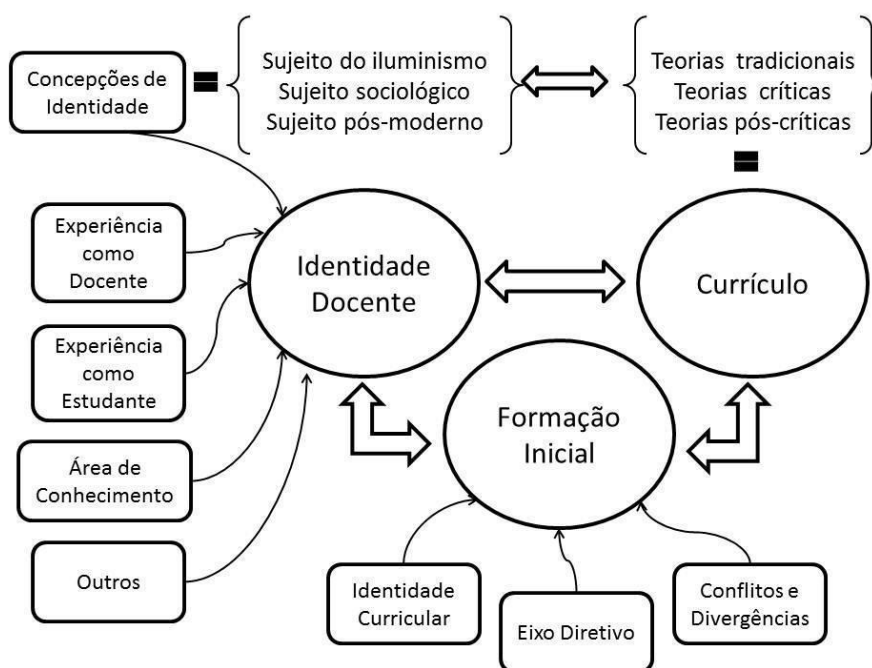
O entendimento de identidade enquanto construção cultural alinhado ao de currículo como reflexo de disputas que sedimentam identidades, contribui para problematizar a formação inicial como um ponto de convergência ou de conflitos sobre o ser docente e sua prática. De modo que, identificações anteriores, respaldadas ou desconstruídas, e novas identificações apresentadas neste ponto da formação são frutos de um currículo (ou de uma Identidade

Curricular) que geram um dado perfil profissional, que por sua vez se alinhará com uma dada concepção de educação e perspectiva curricular.

Pensando no ensino de ciências/física na educação básica, é uma tentativa de responder: qual o perfil identitário que está sendo disseminado nos cursos de formação inicial? Como ele contribui para alterar ou manter o ensino engessado? Se o currículo é o caminho pelo qual finalidades educacionais tomam forma, quais são as perspectivas curriculares dos/as docentes de ciências/física? Qual identidade docente almejamos? Uma identidade iluminista, que não se altera, que “compra” os referentes da vocação e do “nascer professor”, e que reduz a formação inicial a uma questão de conteúdo, afinal o “jeito” já se possui, e, assim, sendo, corrobora com a ideia de currículo como instrumento, ou programa? Ou uma identidade sociológica que media a vocação e a aprendizagem, que aceita mudanças até determinado ponto, que concorda que o currículo tem que ser visto como um campo de disputa, mas ainda com peso normatizante? Ou uma identidade pós-moderna em constante construção e desconstrução, que considera a diferença como par da identidade, expandindo esta percepção ao currículo, como elemento que não pode ser cristalizado e que deve considerar a multiplicidade do que se apresenta em sala de aula?

Com estas perguntas, ressaltamos que além de todos os referentes identitários citados neste texto (disciplina, área de conhecimento, experiências como estudante e como professor), a própria noção que temos de nossas identidades contribui para como experienciamos a formação inicial e para como nos alinharemos com as teorias curriculares. Por outro lado, é com convicção que afirmamos que estas relações não se resumem de forma simples e linear, ou seja, que necessariamente uma concepção sociológica de identidade irá resultar em uma perspectiva de currículo crítica. As perguntas feitas são um exercício que o presente trabalho pretende realizar em pesquisas futuras, e cujo resultado pode ou não sustentar estas ideias iniciais. Compreendendo a complexidade das discussões realizadas apresentamos, abaixo, uma síntese destas articulações.

Figura 1: Articulações complexas entre identidade-currículo-formação de docentes.



Fonte: elaborado pelas autoras.

Referências

- ARROYO, M. G. **Currículo, território em disputa**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.
- BUTLER, J. Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do “pós-modernismo”. **Cadernos Pagu**, n. 11, p. 11 - 42, 2013.
- COELHO-FILHO, M. S.; GHEDIN, E. L. Formação de professores e construção da identidade profissional docente. *In*: IV COLBEDUCA – Coloquio Luso-Brasileiro de Educação, 2018. Braga e Paredes de Coura, Portugal. **Anais eletrônico...** Braga e Paredes de Coura, Portugal: UDESC, UMinho e UFPA, 2018, p. 1-15. Disponível em: <<https://www.revistas.udesc.br/index.php/colbeduca/article/view/11502>>. Acesso em: 17 ago 2020.
- GUIMARÃES, Y. A. F. **Identidade Curricular na Formação Inicial de professores de Física**. 2014. Tese (Doutorado em Ensino de ciências). Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, Instituto de física, Instituto de química e Instituto de Biociências. São Paulo, 2014.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- LOPES, A. C.; MACEDO, E. **Teorias de Currículo**. São Paulo: Cortez, 2011.
- MARCELO, C. A identidade docente: constantes e desafios. Tradução: ANTUNES, C. **Formação Docente**, v. 01, n. 01, p. 109-131, 2009.
- MOREIRA, A. F. B. Para quem e como se escreve no campo do currículo? Notas para discussão. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 14, n. 1, p. 73-93, 2001a.
- MOREIRA, A. F. B. Currículo, cultura e formação de professores. **Educar**, n. 17, p. 39-52. 2001b.
- MOREIRA, A. F. B. Identidades, saberes e práticas. **Educação e Filosofia**, v. 20, n. 40, p. 137-157, 2006.
- MOREIRA, A. F. B.; CUNHA, R. C. O. A discussão da identidade na formação docente. **Revista Contemporânea de educação**, v. 3, n. 5, p. 1-15, 2008.
- MOREIRA, A. F.; TADEU, T. (orgs.). **Currículo, cultura e sociedade**. São Paulo: Cortez, 2013.
- MUENCHEN, C. **A disseminação dos três momentos pedagógicos: Um estudo sobre práticas docentes na região de Santa Maria/RS**. 2010. Tese (Doutorado em Educação Científica e Tecnológica). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2010.
- OLIVEIRA, I. B.; SUSSEKIND, M. L. Das teorias críticas as críticas das teorias: um estudo indiciário sobre a conformação dos debates no campo curricular no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, v. 22, n. 71, e227157, p. 1-20, 2017.
- OSTERMANN, F.; REZENDE, F. Uma interpretação da educação em ciências no Brasil a partir da perspectiva do currículo como prática cultural. **APEduC Revista/ APEduC Journal**, v. 01, n. 01, p. 30-40, 2020.
- ROSO, C. C. **A participação na construção do currículo: práticas educativas vinculadas ao movimento CTS**. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2014.

SCHIABEL, D.; SILVA, C. Currículo e desenvolvimento profissional docente. **Revista de estudos curriculares**, v. 1, n. 10, p. 34-46, 2019.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.